

COBLANS, Herbert. **Librarianship and documentation; an international perspective.** London, Andre Deutsch, 1974. 142 p. (Grafton basic texts). ISBN 0-233-96596-3. £ 2.95.

Existe em várias escolas de Biblioteconomia dos Estados Unidos uma disciplina intitulada “International and comparative librarianship”. Este novo livro de Herbert Coblans tem, entre outros méritos, o de mostrar que a biblioteconomia internacional é muito mais do que a inútil e ridícula peregrinação de certos bibliotecários brasileiros por congressos, reuniões e conferências da UNESCO, da FID ou da IFLA, sempre com a colaboração financeira do Itamarati.

Livro didático, ele tem o sabor do melhor ensaísmo britânico, que estimula o leitor e o incita a procurar novas leituras sobre os temas tratados. Seus nove capítulos são verdadeiros **state-of-the-art-reports** sobre a Biblioteconomia e a Documentação, a internacionalização da bibliografia, as associações profissionais e instituições políticas, o papel da UNESCO e de outras organizações das Nações Unidas, as bibliografias especializadas de âmbito nacional, multinacional e regional, o programa UNISIST e certos projetos específicos como o INIS (International Nuclear Information System), o AGRIS (International Information System for Agricultural Science and Technology), o GES (Growing Encyclopedia System), o CAS (Chemical Abstracts Service), o MEDLARS (Medical Literature Analysis and Retrieval System), etc. Agrada-me ver que Herbert Coblans não teme a palavra **documentação**, da qual muitos autores norte-americanos estão fugindo como o diabo da cruz. Aliás, a grande lição deste livro está na demonstração da tese indicada em seu prefácio: “information science did not start with the computer” (p. 9). Lição muito oportuna para os que estão substituindo, na denominação de serviços governamentais, a palavra **documentação** pela palavra **informática**.

EDSON NERY DA FONSECA

Faculdade de Estudos Sociais Aplicados —
Universidade de Brasília

MCCARTHY, **Cavan. Developing libraries in Brazil, with a chapter on Paraguay.** Metuchen, N. J., Scarecrow Press, 1975. 207 p. LC 74-23681. ISBN 0-8108-0750-5. \$8.00.

Os contrastes a que se refere Roger Bastide no título de um de seus livros sobre o Brasil refletem-se, naturalmente, na Biblioteconomia nacional, cheia de altos e baixos, de algumas excelentes bibliotecas especializadas e quase nenhuma biblioteca pública digna da expres

são inglesa **public library**, de serviços de informática nos ministérios ou no Congresso Nacional e acervos paupérrimos nas bibliotecas universitárias, de mestres em ciência da informação e bibliotecários semi-analfabetos.

Tudo isso constitui-se num desafio à compreensão de qualquer observador estrangeiro, excitando a curiosidade e a imaginação dos “brasilianistas” europeus e norte-americanos, como o autor desta obra. Nascido na Inglaterra e graduado em Línguas e Biblioteconomia na Universidade de Leeds, ele passou oito meses em São Paulo, entre 1971 e 1972, como professor da Fundação Escola de Sociologia e Política, e cinco meses viajando por todo o Brasil e países vizinhos. Visitou, ao todo, 200 bibliotecas das mais diferentes categorias e parece ter lido toda a literatura biblioteconômica brasileira, inclusive as comunicações apresentadas em congressos nacionais de Biblioteconomia.

Suas observações sobre o Brasil, distribuídas em 16 capítulos (o 17º é dedicado ao Paraguai), incluem edifícios, coleções, processos técnicos, consulta, empréstimo, administração, aspectos mais minuciosos da vida em pequenas e grandes cidades e até o carnaval do Rio de Janeiro, sem cujo conhecimento (a opinião é do autor desta recensão) não é possível compreender o povo brasileiro. Além das referências bibliográficas de cada capítulo, o autor fornece uma bibliografia essencial e conclui com índice onomástico, temático e toponímico.

Cavan McCarthy soube ver as bibliotecas brasileiras num contexto amplamente social, fazendo observações sobre tudo: política, imprensa, costumes, etc. Não me parece justa sua crítica à desconfiança que julga caracterizar as relações entre os brasileiros (p. 138), pelo simples fato do pagamento nas lojas ser feito aos caixas e não aos atendentes, ou pela existência de guardas armados nos bancos. Mas, de modo geral, o que ele diz das bibliotecas brasileiras é perfeito.

“Libraries tend towards bureaucracy and stasis”, escreve logo na introdução, que é também a conclusão: “Introduction and Conclusion”. Para Cavan McCarthy, a Biblioteca da Câmara dos Deputados é “beyond any shadow of doubt the finest library in Brazil” (p. 69), enquanto a da Universidade de Brasília é “without doubt the finest university library in the country” (p. 72). Mas “SESI and SESC librarians were the most enthusiastic I met in Brazil, always keen and forthcoming and always trying to reach out to the public” (p. 23).

“Why are there beautiful new buildings with an atrocious or nearly nonexistent book collection?”, pergunta o autor, acrescentando com

toda a razão: “A bad building with a poor collection is tragic, but logical and easy to understand, but a good building with a poor collection is something else” (p, 38). Isto é particularmente observado em Brasília, onde o autor notou “a network of divided libraries” (eu teria qualificado o substantivo **network** com o adjetivo **chaotic**), tudo porque “bureaucrats are not used to thinking in terms of a unified library system” (p. 69). E também lamento, como o autor, que “although the capital has a fine National Theater it does not have and never will have a National Library” (ibidem).

Muito justas são também as críticas ao uso pelas bibliotecas brasileiras tanto das normas de catalogação da Biblioteca Vaticana como das **Anglo-American Cataloging Rules** (p. 95). Quanto aos computadores, vale a pena citar de novo o autor: “I personally think Brazilian librarians should swear a collective oath not to utter the word computer until every city of any size has at least passable public lending library services. But computers are part of life in every developing country **because it is excellent business for Western countries to export them**” (p. 104, grifos nossos).

Lamento que os limites naturais de uma recensão não me permitam citar e comentar outras passagens deste notável livro, que deve ser lido por todos os bibliotecários brasileiros. Sua leitura pode contribuir para curar ou diminuir nosso isolacionismo (cf. p. 111) e superar nossas contradições (cf. p. 114-115).

EDSON NERY DA FONSECA

Faculdade de Estudos Sociais Aplicados
— Universidade de Brasília

SPILLER, David. **Book selection; an introduction to principles and practice**.
2. ed. rev. London, Clive Bingley, 1974. 142 p. ISBN 0-85157-170-0. £
2.75.

Ao imaginar o bibliotecário do futuro como um filtro que se interpõe entre a torrente de livros e o homem, Ortega y Gasset tocava no mais importante problema das bibliotecas, que é o da seleção. As limitações do espaço físico em face da explosão bibliográfica podem ser resolvidas pela miniaturização dos documentos, a armazenagem e recuperação da informação vêm sendo solucionadas pela tecnologia eletrônica. Mas assim como “um lance de dados jamais abolirá o acaso”, como dizia Mallarmé em poema célebre, nenhum recurso tecnológico poderá substituir a seleção, que supõe cultura e discernimento, inteligência e espírito crítico.